

## AS PRINCIPAIS MUDANÇAS PERCEBIDAS PELOS CONSUMIDORES, OCASIONADAS PELA SENSAÇÃO DE MEDO E INSEGURANÇA DESENCADEADOS PELA VIOLÊNCIA URBANA

### THE MAIN CHANGES PERCEIVED BY CONSUMERS, OCCASIONED BY THE FEEL OF FEAR AND INSECURITY UNLEASHED BY URBAN VIOLENCE

Alceu Ruppental Meinen<sup>1</sup>  
Henrique Ullmann Girardi<sup>2</sup>  
Jonatas Guilherme da Silva Martins<sup>3</sup>  
Priscila Ledermann Lima<sup>4</sup>  
Zélia Cordeiro dos Santos<sup>5</sup>

#### Resumo

O propósito deste artigo é identificar as principais mudanças ocasionadas pela insegurança e sensação de medo das pessoas por causa da violência urbana. A primeira análise realizada, foi dos números estatísticos e explanação geral da situação do Brasil em relação a violência urbana. Em seguida apresenta-se referenciais teóricos, abordando a sensação de medo e de insegurança. Para maior enriquecimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa mista, sendo a primeira etapa da coleta de dados um grupo focal, onde pode-se identificar pontos importantes para maior exploração e aprofundamento do assunto na etapa seguinte, que foi um questionário, modelo *survey*, compartilhada em redes sociais de altoalcance. Os resultados evidenciam que existem mudanças de hábitos, por parte da população de Porto Alegre e Região Metropolitana. Foram identificados também novos hábitos que vêm sendo adotados e o quanto isso pode impactar nos comércios, principalmente noturnos das cidades.

**Palavras-chave:** insegurança, sensação de medo, violência urbana.

#### Abstract

The purpose of this article is to identify the main changes caused by the insecurity and sense of fear of people due to urban violence. The first analysis was based on the statistical numbers and general explanation of Brazil's situation in relation to urban violence. Following, theoretical references are presented, addressing the sensation of fear and insecurity. In order to increase the importance of this study, two types of research methods were chosen: the first stage of data collection being a focus group, where it is possible to identify important points for further exploration and deepening of the subject in the next step, which was a questionnaire, survey model, shared in social networks high-range. The results show that there are changes in habits on the part of the population of Porto Alegre and the Metropolitan Region. New habits that have been adopted have also been identified and the extent to which this can have an impact on businesses, especially at night in cities.

**Keywords:** insecurity, feeling of fear, urban violence.

<sup>1</sup> Professor Orientador do MBA em Gestão Bancária e Competividade da Unisinos. Mestre em Gestão de Negócios pela Universidade de Pointers da França e Mestre em Gestão em Negócios pela UNISINOS. E-mail para contato: zeliaki97@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Gestão em Negócios pela UNISINOS. E-mail para contato: zeliaki97@gmail.com

<sup>3</sup> Graduado em Administração pela Feevale. Mestre em Gestão em Negócios pela UNISINOS. E-mail para contato: zeliaki97@gmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Gestão em Negócios pela UNISINOS. E-mail para contato: zeliaki97@gmail.com

<sup>5</sup> Graduação em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Gestão de Negócios pela Universidade de Pointers da França e Mestre em Gestão em Negócios pela UNISINOS. E-mail para contato: zeliaki97@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Muitos fatores podem desencadear sensações de medo e de insegurança, e estar inseguro nos dias de hoje, não é uma novidade para ninguém, existem tantas escolhas, desafios e adversidades para serem enfrentados, situações estas que causam angustias e sofrimentos que podem refletir nas ações das pessoas.

Com isso, desencadeiam defesas contra o medo causado pelo erro ou pelo que ele pode significar para cada indivíduo, como dores e sofrimentos.

Mas a insegurança não vem apenas de nossos comportamentos e decisões pessoais e sim também do ambiente em que vivemos. Desde os primórdios, a luta pela sobrevivência é algo que deixa todos atentos, de maneira instintiva, pois o habitat, que antes era uma selva natural, não deixou de ser perigoso e nem anulou a situação de vulnerabilidade com os avanços e evoluções humanas e sociais. Ainda existem, neste habitat os “predadores” e perigos recorrentes de uma verdadeira selva, e mais do que nunca o instinto de sobrevivência deve ser utilizado para que possamos sobreviver.

O mundo vive mais um colapso social, são raras as ocasiões em que pode-se considerar estar totalmente seguros, em algum lugar do mundo. Seja na Europa, os recorrentes e intensos ataques terroristas que somente no ano de 2017 tiraram centenas de vidas em atentados como na França, Inglaterra, Bélgica, entre outros, ou no Ocidente como nos EUA onde fiéis de uma igreja Batista foram mortos durante um culto de domingo por um homem armado que tirou a vida de 26 pessoas, outro caso no Egito onde 235 pessoas morreram ao saírem de uma mesquita, entre tantos outros casos, que já se tornaram rotinas nos noticiários mundiais. Nos dados consolidados do Global Terrorism Database, em 2016 foram 104 países que sofreram atentados. Todos estes acontecimentos desencadeiam uma série de reações, que geram a maior onda migratória no mundo, desde a 2ª Guerra Mundial, com uma migração de 16,7 milhões de refugiados e aproximadamente 33,3 milhões deslocados internamente em seus países.

Com tudo, percebe-se que no mundo todo o terrorismo tem atingido e mudado as vidas e destinos das pessoas. Já no Brasil, ataques terroristas não são recorrentes e habituais, pois é considerado um dos países mais pacíficos e

amigáveis do mundo, neste quesito a população o não tem motivos para ficar com medo ou insegurança.

E isso seria muito positivo, senão fosse um grande problema interno, enfrentado pelos mais de 200 milhões de habitantes do país. O medo e a insegurança no Brasil são desencadeados pela falta de segurança e crescente onda de violência urbana, que faz com que a sensação de insegurança esteja presente em todos os lugares, em qualquer horário do dia.

Entre os diversos problemas sociais enfrentados pelos cidadãos brasileiros, a violência é sem dúvida um dos maiores desafios. No ranking anual, das 50 cidades mais violentas do mundo, 21 destas estão no Brasil. O ranking avalia apenas cidades com mais de 300 mil habitantes e leva em consideração o número de homicídios a cada 100 mil habitantes, importante ressaltar que nesta contagem não foram consideradas cidades situadas em países em situação de guerra (SEGURIDAD, JUSTICIA Y PAZ, 2017).

Segundo outra pesquisa realizada (IPEA, 2017), os resultados apontam que o problema é maior entre os jovens, que são a maioria das vítimas de homicídios no país. Estes números colocam o Brasil entre os países mais violentos do mundo, sendo o 10º colocado em uma análise de 100 nações. A mesma pesquisa mostra que em 2014, foram mortos cerca de 25.255 jovens entre 15 e 29 anos, um aumento de 700% em relação a década de 80, quando este número era pouco maior que 3.000 vítimas.

Dados estatísticos, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), demonstram resultados, no mínimo espantosos, como por exemplo, o número de mortos pela violência, entre os anos de 2011 e 2015, que obtiveram índices tão expressivos, que ultrapassam o número de mortos na Guerra da Síria, dentro do mesmo período de tempo.

Mas a violência urbana vai além dos dados obtidos em relação as taxas de homicídios, outros crimes que também são preocupantes assustam a população como um todo. Os números de furto e roubo, por exemplo, são um dos graves problemas na capital do estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre foi a campeã nacional entre as capitais, em 2015, pelos crimes de furto e roubo de veículos, apresentando um número impressionante de 1.610,8 veículos para cada 100 mil habitantes (Anuário de Segurança Pública, 2017), um número 35% maior que a segunda

colocada Porto Velho (1.195,8) no estado de Rondônia, e 49% (1.080,6) a mais que a metrópole São Paulo.

A violência no estado do Rio Grande do Sul é destaque também no Mapa da Violência, que mostra que nos últimos 10 (dez) anos, foi o estado da região Sul, onde mais se elevaram os números de homicídios, cerca de 19,9%.

Considerando o número de homicídios para cada 100 mil habitantes, a porcentagem de aumento do ano de 2013 para 2014 foi de 38,6% e o aumento nos anos de 2004 à 2014 é de 22,2%. Outro importante destaque é que a região Sul obteve os índices de aumento mais expressivos entre as cinco regiões do Brasil. Conforme a seguir os quadros com os dados gerais:

Quadro 01 – Homicídios por AF, UF e Região.

**Tab 4.1. Homicídios por AF, UF e Região. Brasil. 2004/2014.**

UF/REGIÃO	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014*	Δ% 1	Δ% 2
Acre	49	36	50	51	40	61	63	50	85	97	116	136,7	19,6
Amapá	74	55	75	60	65	69	103	80	117	99	142	91,9	43,4
Amazonas	227	264	379	415	448	572	635	879	855	692	756	233,0	9,2
Pará	969	1.195	1.295	1.385	1.929	2.038	2.502	2.077	2.138	2.254	2.319	139,3	2,9
Rondônia	334	367	383	321	286	353	351	286	338	300	388	16,2	29,3
Roraima	31	28	38	28	29	27	29	25	32	69	47	51,6	-31,9
Tocantins	100	78	85	88	98	128	131	158	178	140	164	64,0	17,1
<b>Norte</b>	<b>1.784</b>	<b>2.023</b>	<b>2.305</b>	<b>2.348</b>	<b>2.893</b>	<b>3.248</b>	<b>3.814</b>	<b>3.555</b>	<b>3.743</b>	<b>3.651</b>	<b>3.932</b>	<b>120,4</b>	<b>7,7</b>
Alagoas	754	909	1.308	1.552	1.598	1.560	1.721	1.913	1.737	1.872	1.818	141,1	-2,9
Bahia	1.590	2.022	2.402	2.700	3.828	4.361	4.439	4.170	4.594	4.289	4.441	179,3	3,5
Ceará	916	1.012	1.060	1.224	1.332	1.511	2.057	2.063	3.135	3.652	3.792	314,0	3,8
Maranhão	355	489	479	602	698	785	827	944	1.152	1.382	1.658	367,0	20,0
Paraíba	472	543	628	656	750	1.019	1.208	1.379	1.224	1.251	1.246	164,0	-0,4
Pernambuco	3.344	3.509	3.592	3.706	3.449	3.117	2.649	2.541	2.475	2.301	2.522	-24,6	9,6
Piauí	131	151	192	184	159	184	207	251	311	373	454	246,6	21,7
Rio Grande do Nor	237	268	306	438	536	620	611	788	856	1.153	1.292	445,1	12,1
Serqipe	301	318	403	348	368	451	452	523	648	723	896	197,7	23,9
<b>Nordeste</b>	<b>8.100</b>	<b>9.221</b>	<b>10.370</b>	<b>11.410</b>	<b>12.716</b>	<b>13.608</b>	<b>14.171</b>	<b>14.572</b>	<b>16.132</b>	<b>16.996</b>	<b>18.119</b>	<b>123,7</b>	<b>6,6</b>
Espirito Santo	1.188	1.189	1.294	1.383	1.495	1.548	1.359	1.352	1.335	1.289	1.290	8,6	0,1
Minas Gerais	3.255	3.099	3.075	2.983	2.755	2.603	2.456	3.000	3.228	3.455	3.338	2,5	-3,4
Rio de Janeiro	6.193	5.978	5.790	5.102	4.336	4.009	4.111	3.411	3.472	3.562	3.582	-42,2	0,6
São Paulo	7.611	5.796	5.761	4.150	3.891	3.851	3.469	3.262	3.848	3.408	3.524	-53,7	3,4
<b>Sudeste</b>	<b>18.247</b>	<b>16.062</b>	<b>15.920</b>	<b>13.598</b>	<b>12.477</b>	<b>12.011</b>	<b>11.395</b>	<b>11.025</b>	<b>11.883</b>	<b>11.714</b>	<b>11.734</b>	<b>-35,7</b>	<b>0,2</b>
Paraná	1.912	2.027	2.229	2.285	2.540	2.673	2.630	2.365	2.433	2.042	2.073	8,4	1,5
Rio Grande do Sul	1.432	1.473	1.425	1.661	1.801	1.645	1.496	1.531	1.737	1.711	2.052	43,3	19,9
Santa Catarina	377	392	386	377	505	511	483	483	491	439	493	30,8	12,3
<b>Sul</b>	<b>3.721</b>	<b>3.892</b>	<b>4.040</b>	<b>4.323</b>	<b>4.846</b>	<b>4.829</b>	<b>4.609</b>	<b>4.379</b>	<b>4.661</b>	<b>4.192</b>	<b>4.618</b>	<b>24,1</b>	<b>10,2</b>
Distrito Federal	506	452	435	516	579	666	576	657	725	656	705	39,3	7,5
Goiás	988	937	984	1.009	1.201	1.260	1.317	1.579	1.955	2.096	1.985	100,9	-5,3
Mato Grosso	454	487	497	542	572	573	566	602	641	750	845	86,1	12,7
Mato Grosso do St	387	345	370	401	392	429	344	368	337	314	353	-8,8	12,4
<b>Centro-Oeste</b>	<b>2.335</b>	<b>2.221</b>	<b>2.286</b>	<b>2.468</b>	<b>2.744</b>	<b>2.928</b>	<b>2.803</b>	<b>3.206</b>	<b>3.658</b>	<b>3.816</b>	<b>3.888</b>	<b>66,5</b>	<b>1,9</b>
<b>Brasil</b>	<b>34.187</b>	<b>33.419</b>	<b>34.921</b>	<b>34.147</b>	<b>35.676</b>	<b>36.624</b>	<b>36.792</b>	<b>36.737</b>	<b>40.077</b>	<b>40.369</b>	<b>42.291</b>	<b>23,7</b>	<b>4,8</b>

Fonte: Processamento do Mapa da Violência 2016

Notas: Δ% 1 = Crescimento % 2004/2014; \*Δ% 2 = Crescimento % 2013/2014; \*2014-Dados Preliminares

Fonte: Mapa da Violência – Edição 2016

Com estas informações, este artigo apresentadiscussões a partir da análise da ocorrência, ou não, de mudançassignificativasnoshábitosdos gaúchos,emsuas rotinas, e também em suas programações noturnas, quanto a escolha de entretenimento ou programação afazer.

Pois percebe-se que se fala muito na sensação de medo e insegurança e a



violência urbana já se tornou rotina nas manchetes diariamente. Mas é de bastante relevância a busca por dados mais sólidos e estatísticos, para compreender, se de fato, existe um impacto e/ou mudanças ocorrendo. Ou então, se mesmo com o aumento da insegurança e do medo as pessoas não deixam de sair, e manter uma rotina normal.

Para responder estes questionamentos, o problema de pesquisa centrou-se em investigar quais as mudanças percebidas nos hábitos dos moradores da cidade de Porto Alegre e/ou Região Metropolitana de Porto Alegre, devido a sensação de insegurança?

Para chegar a resposta deste problema, delineou-se como objetivo geral compreender as principais mudanças nos hábitos dos gaúchos, que moram na capital ou região metropolitana, ocasionados pela sensação de insegurança na cidade ou região. Também tem como objetivos específicos: a) identificar o perfil dos entrevistados, como os locais que costumam frequentar; b) verificar os principais aspectos percebidos em relação a falta de segurança; c) compreender quais os fatores que interferem nas escolhas de programações específicas ou na rotina destas pessoas; d) identificar e analisar as principais mudanças nos hábitos de consumo, da população de Porto Alegre e/ou Região Metropolitana, compreendendo também quais são nos novos hábitos.

Consideramos de importante relevância a pesquisa realizada, pois o assunto medo e insegurança associado a violência urbana é algo bastante pertinente dentro do atual contexto brasileiro. Percebe-se o aumento da violência nas grandes cidades, através das pesquisas já realizadas anteriormente, porém é importante entender se este aumento de fato prejudica e tem um impacto relevante nas mudanças nos hábitos de consumo. Este estudo poderá contribuir, para identificar quais os hábitos, que foram adotados ou migrados, por aquelas pessoas que antes saíam a noite em Porto Alegre e/ou Região Metropolitana.

Para se obter estes resultados foi realizado em um primeiro momento um Grupo Focal, com cerca de 10 participantes, convidados voluntariamente e moradores da cidade de Porto Alegre e/ou Região Metropolitana, onde a discussão centrou-se no assunto a respeito da insegurança e da violência na cidade e região em estudo. Após a primeira etapa, foi realizada uma segunda atividade, a

pesquisasurvey, compartilhada em uma rede social de alto alcance público, para atingir um número considerável de respondentes. Na sequência foi abordado o referencial teórico, discutindo o tema medo e insegurança, e logo após, as principais mudanças nos hábitos de consumo, considerando pesquisas anteriores e os principais motivadores destas mudanças. Posteriormente, o texto apresenta uma análise dos resultados obtidos e por fim, as considerações finais.



## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 MEDO E INSEGURANÇA

O estudo tenciona iniciar uma reflexão sobre o problema da criminalidade e violência na cidade de Porto Alegre, como geradoras do medo e insegurança dos indivíduos que compõem a comunidade. Com base em dados estatísticos e entrevistas, pretende-se mensurar o grau de insegurança de um grupo delimitado e como o medo tem influenciado na mudança de comportamentos sociais. A insegurança tem se tornado um tema de preocupação global, como afirmado abaixo:

[...] a configuração da violência difusa como questão social mundial, presente na agenda política de países de vários continentes, da América Latina à América do Norte, da Europa à África - disseminada e dramatizada pelos meios de comunicação em escala global - suscita um conjunto de questões sociológicas que orientam a investigação sobre o significado social e cultural das múltiplas formas de violência presentes nas sociedades contemporâneas neste jovem século XXI. (SANTOS, TAVARES, 2009, p. 31).

O crescimento das taxas da criminalidade e violência urbana têm provocado fortes sentimentos de medo e insegurança no contexto das grandes cidades. Pesquisas estatísticas confirmam o crescimento da violência e criminalidade. O IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e o FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), apontam o alto crescimento da criminalidade, como registrado no Atlas da Violência 2017: “O Brasil registrou, em 2015, 59.080 homicídios. Isso significa 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. Os números representam uma mudança de patamar nesse indicador em relação a 2005, quando ocorreram 48.136 homicídios”.

Outra pesquisa que confirma esse fato, foi realizada pela Confederação Nacional dos Transportes – CNT e SENSUS (2010). Na opinião de quase 23% dos brasileiros, a violência é o maior problema a ser enfrentado pelo país, entre as drogas e o desemprego.

O quadro da violência gerado na população. Segundo o dicionário, medo é um estado emocional que surge em resposta a consciência perante uma situação de eventual perigo. A insegurança na sociedade moderna é caracterizada pelo medo da violência e todas as suas manifestações que permeia os ambientes públicos e

privados. A inconstância e a irregularidade das ações humanas geram suspeitas sobre suas intenções e assim não há confiança.

O individualismo moderno por vezes, promove esse cenário de insegurança, pois, as comunidades que eram unidas e trabalhavam pelo bem comum, foram substituídas pelo dever individual de cuidar somente de si e do que é seu. A solidariedade deu lugar para a competição. Nesse contexto, as pessoas se sentem abandonadas e buscam usar seus próprios recursos para solucionar os problemas. Quando os laços comunitários são desfeitos, a ideia do perigo e a sensação de insegurança se manifesta em toda parte, pois são inerentes a esse modelo social.

Pesquisas que consideram o contexto da comunidade e vizinhança para explicar o medo, destacam que aspectos estruturais como a falta de civismo, pouca interação social, individualidade urbana e o aumento da criminalidade aumentam os níveis de medo nas pessoas que residem em determinadas áreas urbanas.

Garofalo (1978), considera que o contexto de vizinhança é relevante na explicação sobre o medo do crime. O medo não é apenas um estado despertado pelo crime, torna-se relevante na vida do indivíduo à medida que interfere nos relacionamentos sociais e diminui a confiança e a qualidade de vida da comunidade.

Os meios de comunicação enfatizam e dramatizam massivamente situações de crimes e violência. Os indivíduos assistem diversas manifestações de violência que causam perplexidade e sensibilidade, mas ao mesmo tempo, tornam-se indiferentes por se tornar algo comum e corriqueiro. O crime bárbaro, passa a ser “aceito” por se tornar trivial. Diante do caos na segurança, a população fica insegura e acuada pelo medo. Como defesa, passa a manifestar a própria agressividade de modo destrutivo (porteadearma), ou se priva de suas atividades sociais para não se expor em situações de risco.

Bock, Furtado e Teixeira (2001) afirmam que a agressividade é um impulso destrutivo que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro (auto-agressão). Mas que esse impulso constitui a vida psíquica do ser humano fazendo parte do binômio amor/ódio, pulsão de vida/pulsão de morte.

A cultura ou a humanização do homem, os mecanismos sociais regulam os impulsos de agressividade. Assim, o ser humano é capaz de controlar seus impulsos agressivos, reprimir e não os expressar. O processo de socialização promove o

controle a partir de vínculos significativos que o indivíduo estabelece ao longo de sua vida. Assim o controle é internalizado pelo indivíduo e deixa de ser necessário o controle ou punições externas.

Os mecanismos de controle do comportamento agressivo são observados em todos os grupos sociais. O ser humano cria e estabelece leis na tentativa de manter o controle externo. No rol dos problemas da atualidade, Santos (2004) destaca que “[...] instituições tradicionais como família, escola, processos de socialização, religiões, sistema de justiça criminal (polícias, tribunais, manicômios judiciários, prisões) sofrem mudanças devido ao fato de viverem um processo de crise e desinstitucionalização”. Portanto, se os mecanismos de controle estão em crise, a consequência é a manifestação dos impulsos agressivos. Compreender a agressividade deste ângulo, nos leva a questionar se a sociedade tem alcançado o êxito ou não, com os mecanismos que têm utilizado no controle dos impulsos de agressividade e ações de violência. Atualmente, a violência permeia todos os espaços e áreas da vida. A violência nas ruas é um grande problema que afeta os grandes centros urbanos.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2001) a rua como um espaço social lúdico, do encontro e da convivência torna-se o espaço da insegurança; do medo; da violência pelo bandido; pela polícia e, mesmo, pelo cidadão comum.

De forma inconsciente, as características físicas desencadeadas pelo estado de medo levam o indivíduo a apresentar duas reações naturais: fuga ou confronto do agente causador do medo. Normalmente, o sentimento do medo é despertado mediante a presença de um estímulo provocador da ansiedade e insegurança no indivíduo. Em outras situações, as reações físicas mentais do medo podem surgir a partir da imaginação de algo que se jades agradável ou de situações sem fundamento ou lógicas.

Uma iminente que ameaça a segurança e a vida, ativa as composições químicas cerebrais e essas desencadeiam reações físicas, que se apresentam de diferentes modos, de acordo com a intensidade do medo (contração dos músculos, aceleração dos batimentos cardíacos e a respiração acelerada), caracteriza o medo em diferentes tipos sensíveis (ligeira ansiedade, sentimento de pavor causado por uma expectativa de perigo eminente). Um sentimento de pavor causado por uma expectativa de perigo eminente.

Todas essas reações do corpo funcionam como alertas importantes para a sobrevivência de qualquer espécie, principalmente para o ser humano. Quando o medo afeta as severamente a vida do indivíduo, nos aspectos físicos, sociais e psicológicos, passa a ser considerado como patologia e alguns casos tratados como fobia. O fenômeno da violência sempre existiu no contexto das relações humanas. Gauer (1999, p.13), afirma que é um dos fenômenos sociais mais inquietantes do mundo atual. Um elemento estrutural, ligado ao fator social.

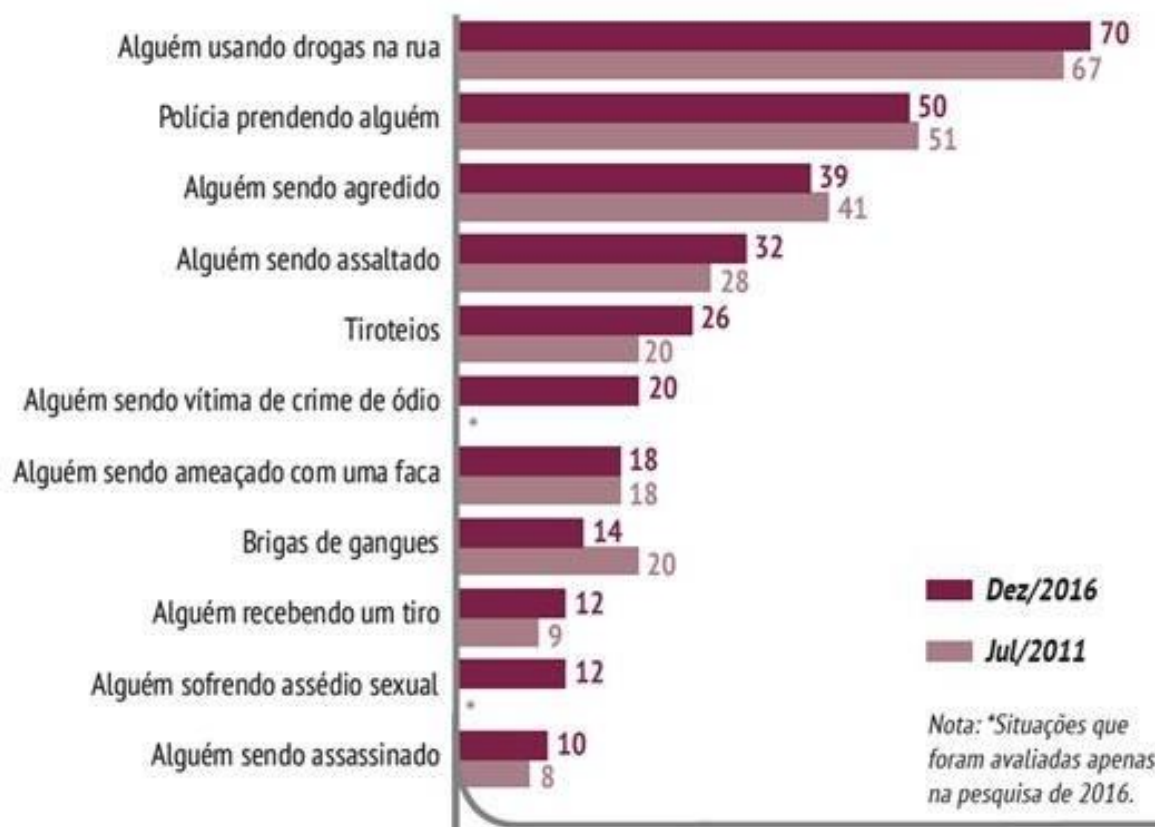
## 2.2 MUDANÇAS NOS HÁBITOS DE CONSUMO DO BRASILEIROS

Com os altos índices de violência, somados a sensação de medo e insegurança generalizada entre a população brasileira, o retrato atual é de mudanças nos hábitos da população, mudanças estas que afetam até mesmo o consumo e mudanças de rotinas.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope-CNI apontou resultados em relação a situações em que os respondentes já presenciaram e que geram medo ou insegurança. Os resultados foram comparados a pesquisa de 2011, quando a criminalidade foi apontada como segundo maior problema do país, ficando apenas depois da saúde. Na pesquisa de 2016, os geradores de insegurança se mantiveram todos e ainda ganharam mais duas categorias (pessoas que presenciaram algum tipo de assédio sexual e outras que presenciaram alguém sendo vítima de um crime de ódio). Dentre as principais conclusões, foi apontado que ao serem questionados quais os tipos de crimes foram presenciados pelos entrevistados nos últimos 12 meses, o consumo de drogas e a polícia prendendo alguém foram os principais fatos presenciados. Conforme gráfico a seguir, podemos ver os principais resultados desta questão na pesquisa:

## Exposição a situações que geram insegurança nos 12 meses anteriores à pesquisa

Percentual de respostas "sim, presenciou nos últimos 12 meses" (%)



Fonte: Relatório CNI – Retratos da Sociedade Brasileira

Outras informações relevantes, apontam que 51% da população acha a segurança pública brasileira péssima ou ruim. 30% dos entrevistados sofreram diretamente com a violência nos últimos 12 meses. 80% dos entrevistados presenciaram algum tipo de violência ou criminalidade nos últimos 12 meses –sendo nesta maior ocorrência, foi presenciar uso de drogas nas ruas. 45% da população aumentou os cuidados com segurança nos últimos três anos.

Dentre as principais mudanças apontadas nos hábitos destes consumidores entrevistados, foram: 63% passou a andar sem ou com menos dinheiro. 57% aumentaram os cuidados ao sair e entrar em casa, trabalho e escola. 54% dos entrevistados diminuíram ou deixaram de circular pela cidade à noite e 48% deixaram de

frequentar alguns bairros.

Em números realmente os dados são alarmantes e chamam atenção pela expressividade. Pois é possível analisar que grande parte da população percebe mudanças necessárias, ocasionadas pela falta de segurança das cidades brasileiras.

Estas mudanças de hábitos prejudicam comércios noturnos e principalmente bairros boêmios, que tem como único recurso as vendas que se dão em maioria a noite. A os frerem ou presenciarem alguma contecimento criminoso ou violento existe um aiortendência que este consumidor vai avaliar com mais rigorsua saída à noite, conforme Frankenthal (2017) “Fatores ligados às questões psicológicas e emocionais podem impactar diretamente nos hábitos de compra dos consumidores, seja por um trauma, necessidade ou até mesmo por algum tipo de preconceito”.

### 3. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto no artigo, de identificar as influências da sensação de insegurança nos hábitos de consumo em uma amostra de moradores de Porto Alegre e Região Metropolitana, aplicou-se um grupo focal e uma *survey*.

O grupo focal contou com a participação de cinco pessoas, sendo dois moradores de Novo Hamburgo e três de Porto Alegre, duas mulheres e três homens. O roteiro aplicado seguiu o referencial teórico e buscou explorar a percepção de segurança dos participantes e a influência dessa sensação em seus hábitos de consumo. O grupo focal iniciou com a apresentação de um vídeo. Após a apresentação, o grupo focal foi dirigido pelo mediador e abordou as seguintes questões: quando falamos de insegurança, quais são as primeiras sensações e sentimentos de vocês? o que vem à mente de vocês?; vocês se consideram seguros em suas cidades?; quando, em quais ocasiões você se sentiu inseguro?; essa sensação vem mudando nos últimos anos?; desde quando percebem essa sensação?; vocês já foram assaltados?; já presenciaram casos de violência?; como essa sensação influencia o comportamento de vocês?; o que influencia essa sua sensação de segurança ou insegurança?; diante desta sensação de insegurança, você mudou seus hábitos de consumo?; você poderia compartilhar conosco algumas mudanças que você perdeu em si mesmo ou com seus amigos?; Você toma mais



cuidados ao sair na rua, em razão dessa insegurança?; Você poderia compartilhar conosco algumas providências que vocês tomaram diante deste contexto?; quais atividades você deixou de fazer ou quais mudanças você realizou diante desse contexto?

Com uma duração de duas horas e meia, o grupo focal contou com muitas contribuições dos participantes. O objetivo estabelecido para o grupo focal foi de explorar, previamente, em um grupo reduzido, a sensação de insegurança e a influência dessa sensação nos hábitos de consumo na cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana.

A partir dos resultados obtidos no grupo focal, foi possível estruturar um questionário quantitativo no *Google Forms*, que foi divulgado nas redes sociais. Com essa divulgação chegou-se a um total de 900 participações. Ao analisar as respostas e filtrar conforme o tema delimitado da pesquisa, restou o total de 881 respostas válidas. Algumas respostas foram desconsideradas porque foram enviadas por pessoas com domicílio fora da área delimitada, de Porto Alegre e Região Metropolitana. Fica aqui, o agradecimento para essas pessoas que dedicaram seu tempo para responder as 39 perguntas, que compõe o questionário. Fica registrado o agradecimento aos participantes dos municípios de Caxias do Sul, Curitiba, Gramado, Harmonia, Jaraguá, Lajeado, Palmeira das Missões, Pelotas, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Teutônia, Torres e Tupanciretã.

A *survey* aplicada contou com uma maioria de moradores de Porto Alegre. Os moradores da capital representaram 66% das respostas, Novo Hamburgo (8%), Canoas (7%), Cachoeirinha (3%), Gravataí (3%) e São Leopoldo (3%). Enquanto o restante das respostas (10%) ficou dividido entre outras 21 cidades. Do total dos participantes, 61% da amostra é casado, enquanto 39% são solteiros. Em sua maioria, 69% dos participantes possuem educação superior completa, 20% educação superior incompleta, 8% educação básica completa, 3% educação básica incompleta. A idade dominante foi de 25 a 50 anos, representando 78% da amostra, divididos em 52% do gênero masculino e 48% feminino. Considerando os critérios definidos pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa), a maioria (52%) dos respondentes são classificados no estrato socioeconômico 'B', 32% no estrato 'C', 10% 'A' e 5% D-E. A renda familiar de 12% da amostra é entre R\$ 1.626 e R\$ 2.705, 21% entre R\$ 2.706 até R\$ 4.852, 30% entre R\$ 4.853 até R\$ 9.254, 22% entre R\$ 9.255 até

20.888 e 10% acima de R\$ 20.888.

A maioria da amostra (70%) se considera insegura ou nada segura em sua cidade. Poucos participantes se consideraram seguros (3,0%) ou muito seguros (0,5%). A maior parte dos participantes consideram, inclusive, que a sensação nos últimos três anos é de mais insegurança. Apenas 2% considera que a sua sensação é de mais segurança.

Embora a maioria, (81%) não tenha sido assaltado e nem sofreu tentativa de assalto nos últimos anos, 91% afirmou que teve algum amigo próximo ou parente que foi assaltado ou que sofreu tentativa de assalto nos últimos doze meses. Em suas residências, 83% dos participantes já contam com grades, cadeados e outras casas, 48% tem cerca elétrica, 48% tem câmeras de monitoramento, 55% tem segurança, porteiro ou empresa de vigilância privada contratada em sua residência. Para buscar alternativas de minimizar os impactos de roubo ou roubo e furto, 62% tem algum seguro com cobertura referente a esses acontecimentos.

A maioria das pessoas evita sair na rua à noite, evita andar com dinheiro, evita andar de ônibus e de táxi de noite. Os aplicativos de transporte, que surgiram recentemente como alternativas de locomoção, são considerados mais seguros que os meios tradicionais de transporte. Do total, 41% sempre costuma utilizar os aplicativos de transporte (Uber, Cabify, 99 ou outros) e 33% frequentemente buscam esta alternativa.

A maioria das pessoas evita caminhar sozinho na rua, sendo que 31% sempre evita, e 34% frequentemente evitam. Se sair de carro, a maioria procura estacionar em um estacionamento privado.

Conforme resultados obtidos é possível perceber que a sensação de insegurança vem influenciando na decisão de onde a pessoa vai transitar. Por falta de segurança, a maioria 52% das pessoas deixam de frequentar shoppings; 74% não frequentam restaurantes, 85% deixam de frequentar bares e 93% deixam de frequentar uma praça.

Quando estão na rua, a maioria dos respondentes tem mais cuidado com seus pertences. A maioria das pessoas procura não utilizar o celular em vias públicas, em razão da insegurança. Por falta de segurança, a maioria das pessoas deixam de frequentar, pelo menos, um local em sua cidade e acabam evitando de circular em algum bairro ou alguma rua.

Apenas 24% raramente e 13% nunca alteram seus trajetos para chegar em casa. Se está de carro, a maioria evita parar em todos os semáforos. Além dos espaços públicos, a segurança influencia, inclusive, nas decisões de compra de acessórios. 25% afirmou que sempre, que faz compra de bolsas, mochilas ou outros acessórios, leva em consideração se são seguros e difíceis de serem roubados ou furtados, 30% frequentemente, 18% às vezes.

Ao entrar e sair de casa, 75% consideram que sempre tem cuidado. As pessoas estão procurando fazer mais programas em casa. 25% sempre procura programas em casa e 39% frequentemente buscam essa alternativa. Em casa, a maioria utiliza serviços de *delivery* em razão do aumento da violência. Quando acompanhado de alguém, a maioria procura ter mais cuidado e atenção com a segurança de todos. Se estão acompanhados de amigos, esposa, namorada ou filhos, 43% sempre mudam seus comportamentos e procuram mais segurança, enquanto 31% frequentemente buscam mais segurança. Por fim, a maioria dos participantes afirma que se sente mais seguro quando frequenta locais com maior movimento e circulação de pessoas.

O número de respostas foi além da expectativa inicial. Ao convidar e pedir a contribuição de amigos e publicar nas redes sociais, foi possível perceber o quão sensível às pessoas estão em relação ao tema da segurança. A adesão de 900 pessoas em um intervalo de 50 horas, além de mensagens de interessados em conversar sobre o tema, validaram a ideia de que a segurança em Porto Alegre e Região Metropolitana merece melhor atenção da população e poder público. Gabriela, depois de participar da pesquisa quantitativa, enviou uma mensagem contando que deixou Porto Alegre por falta de segurança e hoje mora em Dublin na Irlanda: “Não aguentei o índice de criminalidade em Porto Alegre. Eu estava com pânico de sair de casa. Com todo esse medo e insegurança resolvi vir morar em Dublin. Hoje, quem pode sair de Porto Alegre, tem que sair”.

No grupo focal, um dos participantes, levantou a necessidade de um programa de estado e um programa de governo para lidar com esse problema de segurança. Ao posicionar-se sobre o tema, Fábio contou com a adesão de todos os participantes, que também consideraram importantes as suas sugestões. As pessoas se sentem inseguras e consideram que a insegurança vem aumentando nos últimos

três anos. Chamou atenção o fato de que a grande maioria dos participantes não foi assaltado ou não sofreu tentativa de assalto nos últimos doze meses. Podem ser considerados privilegiados. Embora, a grande maioria tenha afirmado que um amigo próximo ou parente tenha sofrido assaltado ou tentativa de assalto.

A sensação de insegurança, conforme resultados apresentados, influencia as decisões de lazer de muitas pessoas. Os participantes da pesquisa deixam de frequentar locais, bairros e ruas. A segurança é analisada para a decisão de ir a bares, restaurantes, praças e shoppings. Nem mesmo os shoppings, que possuem segurança e estacionamento, estão livres dessa sensação de insegurança. Resultado dessa sensação, as pessoas estão investindo em segurança em suas residências, instalando grades, cadeados, trancas, cerca elétrica e câmeras de monitoramento, contratando segurança, porteiro, empresa de vigilância e seguros contra roubo e furtos.

Quando este ponto sobre investimento em segurança foi debatido, anteriormente, no grupo focal, uma das participantes argumentou que, na visão dela, as pessoas estão cada vez se trancando mais, enquanto as ruas à noite, por exemplo, estão cada vez mais vazias. As pessoas estão ficando mais em casa à noite. Se for o caso, as pessoas pedem *delivery*, pois se sentem mais seguras assim.

Por fim, assim como foi relatado no grupo focal, os resultados da *survey* demonstraram o receio de muitas pessoas em sair à noite e andar sozinhas na rua. Os participantes estão deixando de frequentar locais, pois não se sentem seguros o suficiente. Esse comportamento, conforme apontado por uma das participantes do grupo focal, acaba por diminuir a circulação e o movimento de pessoas nas ruas, o que acaba por tornar o ambiente ainda mais inseguro.

A sociedade, conforme defendido por Fábio no grupo focal, precisa ocupar os espaços públicos. Os resultados apresentados evidenciam que as pessoas se sentem mais seguras em locais com maior movimento e circulação, mas é, exatamente, este ambiente que está em risco. As pessoas estão ficando cada vez mais em casa. Percebe-se, com isso, um círculo vicioso que precisará, necessariamente, ser interrompido para que a população se sinta mais segura em sua cidade.

## CONCLUSÃO

Em relação a segurança pública no Brasil, fica evidente a necessidade de mudanças e medidas que precisam ser implementadas, para que o quadro, que já era esperado, pelo conhecimento empírico, e que foi confirmado por meio dos dados coletados nesta pesquisa. O levantamento estatístico demonstra que realmente os cidadãos brasileiros sofrem com a sensação de insegurança, e demonstraram mudanças em seus hábitos por causados índices de violência. Nas etapas metodológicas, o estudo buscou maior aprofundamento do assunto, junto ao grupo focal e *a posteriori*, baseado nos assuntos citados no grupo, atingiu uma maior audiência, conseguindo uma coleta de cerca de 900 respondentes, em torno de 50 horas, um número considerado alto, pelo tempo em que a pesquisa ficou disponível, o que reforça a importância e relevância que o assunto tem para a sociedade como um todo. O que também demonstra que um assunto como este, tem amplo campo de pesquisa a ser explorado, pois é de interesse público e esta cada vez mais em evidência, entre assuntos de interesse direto da população.

Entre as limitações deste estudo, pode-se considerar que a aplicação da pesquisa em mais meios de comunicação, além das redes utilizadas, a busca por maior alcance de outras regiões do Brasil ou até mesmo do estado do Rio Grande do Sul, poderiam gerar resultados diferentes e bastante pertinentes para a discussão do problema da violência. Assim como a etapa qualitativa, que obteve um único encontro do grupo focal, poderia ser mais contributivo se houvesse mais grupos com formações diferentes, tanto na variação de localidade, idades, gênero ou classe social. Ficam estas limitações, também como sugestões para futuras pesquisas, a maior abrangência do grupo pesquisado, sendo na etapa quantitativa, como na qualitativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org). **A violência na sociedade contemporânea**. EDIPUCRS, 2010.

AULETE, DICIONÁRIO; VALENTE, A L dos S. Dicionário online Caldas Aulete. **AuleteDigital**. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em, v. 9, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.

BEATO, F. et al. **Atlas da criminalidade em Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2002.

CNI. **Retratos da Realidade Brasileira: Segurança Pública**. Disponível em: <[https://static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer\\_public/7c/d5/7cd59272-ccfa-4a51-8210-33c318969a42/retratosdasociedadebrasileira\\_38\\_segurancapublica.pdf](https://static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/7c/d5/7cd59272-ccfa-4a51-8210-33c318969a42/retratosdasociedadebrasileira_38_segurancapublica.pdf)> Acesso em: 25 de Dez. de 2017.

DA SILVA, Bráulio Figueiredo Alves; BEATO FILHO, Claudio Chaves. **Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 30, p. S155-S170, 2013.

EXAME. **Violência no Brasil mata mais que Guerra Síria**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/violencia-brasil-mata-mais-guerra-siria/>> Acesso em: 02 de Jan. 2018.

FRANKENTHAL, Rafaela. **9 Fatores que influenciam o comportamento do consumidor**. Disponível em: <<https://mindminers.com/consumo/fatores-que-influenciam-comportamento-do-consumidor>> Acesso em: 02 de Jan. 2018.

G1. Brasil tem 21 cidades em ranking das 50 mais violentas do mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/brasil-tem-21-cidades-em-ranking-das-50-mais-violentas-do-mundo.html>> Acesso em: 12 de Dez. 2017.

GAROFALO, J.; LAUB, J. **The fear of crime: broadening our perspective**. Victimology, n. 3, p. 242-253, 1978.

GAUER, Ruth M. Chittó. (org). **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2004.

**GLOBAL TERRORISM DATABASE**. Disponível em: <<https://www.start.umd.edu/gtd/>> Acesso em: 25 de Dez. 2017.

RAMOS de SOUZA et. al. **Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania**. INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, Jan./Jun, 1996

SANTOS, José Vicente Tavares dos et al. A mundialização da sociologia contemporânea: diálogos entre as sociologias na América Latina, na Índia e na China. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 1, p. 243-265, 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares dos et al. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da "modernidade tardia". **São Paulo em Perspectiva**. vol.18 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100002)

SIM/DATASUS/MS. **O Sistema de Informações sobre Mortalidade**. S/I, 1995.



WASELFSZ, J.J. **Mortes matadas por armas de fogo**: 1979/2003. Brasília, UNESCO, 2005.

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência**: Homicídios por arma de fogo no Brasil. Flacso do Brasil. 2015. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf)> Acesso em: 25 de Dez. 2017.

SEGURIDAD, JUSTICIA Y PAZ. Las 50 Ciudades Más Violentas del Mundo 2017 <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/seguridad/1564-boletin-ranking>.  
IPEA. Atlas da Violência 2017 [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34786](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34786)  
Anuário de Segurança Pública, 2017. [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf)

*Recebido em 27/10/2019*

*Versão corrigida recebida em 09/12/2019*

*Aceito em 14/04/2020*

*Publicado online em 20/04/2020*